



DIÁCONOS SERVIDORES DA ESPERANÇA ENTRE OS POVOS

Encontro Missionário
para diáconos

I. Tempo de oração

Convite para a escuta da Palavra

É importante que o texto proposto seja lido com antecedência para ser “ruminado” em profundidade. O organizador e coordenador deve levar isso em conta para promover este exercício a tempo. Se a proposta for realizada em família ou em comunidade de diáconos, este momento de oração pode ser iniciado com um cântico que convide e prepare a escuta da Palavra e o movimento do Espírito Santo. Da mesma forma, este primeiro momento poderá ser encerrado com um cântico conhecido e apropriado. O momento de oração, sempre que possível, pode ser realizado em um ambiente diferente daquele que depois servirá para o tempo de reflexão. Talvez possa ser até em um templo ou oratório.

Começamos nossa proposta convidando à escuta da Palavra de Deus, partindo do contexto da celebração do Ano Jubilar com o lema “Peregrinos da Esperança” e a mensagem do Santo Padre Francisco para o Domingo das Missões 2025: Missionários de esperança entre os povos. Propomos fazer uma leitura serena e profunda dos capítulos 12 a 15 do Livro do Gênesis. Lá encontraremos a experiência vocacional de Abraão, que é sempre uma referência para todos os crentes. Ao fazer esta leitura – escuta, propomos prestar especial atenção a três ações que dão sentido ao relato:

1. O chamado

Deus chama Abraão e transforma sua vida em função de um projeto que supera em muito as expectativas daquele homem. É uma boa oportunidade, para que você, ministro da Igreja, possa percorrer novamente a história de seu próprio chamado e redescobrir a magnitude deste acontecimento.

2. A Aliança em favor de um Povo que nasce por vontade de Deus

Os chamados de Deus não nos convertem no centro da história, mas nos colocam a serviço dela. Abraão não é o beneficiário privilegiado no sorteio das vocações, é o servo obediente chamado a crer, confiar e continuar. Servindo-nos desta imagem, te convidamos a refletir sobre o sentido de

seu ministério a partir da pertença a um povo que continua sendo chamado à fé, onde você e ninguém em particular está no centro do fato, mas sim a dinâmica vocacional te coloca na trama de vida e convivência do povo para acompanhar e servir ao bem comum de todos.

3. Peregrinar com confiança celebrando o caminho em cada altar

Abraão vai fazendo caminho à medida que discerne e comprehende a vontade de quem o chama e vai traçando uma trilha que se soleniza em cada altar que constrói para consagrar ritualmente o caminho do povo da aliança. Em sua vida ministerial, unem-se sacramentalmente, no mistério que sempre nos supera, a vida cotidiana de cada crente a quem você acompanha e serve com o que Deus vai fazendo silenciosamente em favor de todos. Esta é uma oportunidade maravilhosa para que você possa colocar nomes e rostos dessas vidas a quem você é enviado a servir em nome de Deus e da Igreja, o Povo da Aliança.

Convidamos a todos a culminar este primeiro momento de oração expressando espontaneamente uma oração de ação de graças pelo chamado e manifestando a própria disponibilidade ao projeto de Deus para seu Povo.

II. Pontos para a reflexão

Ambientação:

*Dentro do possível, no local do encontro deverão ser montados três altares (podem ser mesas decoradas ou outros elementos como troncos ou pedras, de acordo com as possibilidades, a praticidade e a criatividade). Em cada um deles deverá ser colocado um cartaz visível e legível: **Memória, Comunhão e Esperança**. Poderão ser colocados elementos que expressem o sentido dessas palavras. Será importante que os altares estejam localizados de forma que possam ser rodeados pelos participantes.*

Estando na porta de entrada do local, o grupo reunido, alguém toma a palavra e introduz a dinâmica dizendo:

Nos serviremos da imagem de Abraão que avança no caminho indicado por Deus e vai celebrando este percurso de discernimento e obediência com a construção de altares e a oferta de sacrifícios.

Os Diáconos expressam de forma especial a dimensão servidora da fé do Povo de Deus, pondo-se a serviço deste mesmo Povo, e com ele a serviço da missão de Deus. A partir desta particularidade do ministério diaconal, nos reuniremos em torno do primeiro altar, o da “memória”; depois nos reuniremos em torno do altar da “comunhão”; e por último, nos reuniremos em torno do altar da “esperança”.

Convida a todos a avançar em direção às cadeiras que estarão colocadas em torno do primeiro altar, o da memória. Pode-se cantar algo enquanto se acomodam ou pode-se colocar música para acompanhar o movimento. E uma vez, acomodados lá, continua-se...

Altar da memória

“A memória coletiva é a reconstrução que a sociedade faz do passado mediante o qual se conserva ou se esquece eventos, ações, comportamentos, temores ou narrações associadas a um fato importante. A memória coletiva se sustenta mediante práticas sociais e sempre é reconstruída sobre uma necessidade do presente e do futuro; portanto, a forma como e o que se recorda ou se esquece têm uma grande importância para o futuro da sociedade.” (Joel Candau – antropólogo)

Partindo da definição antes oferecida, nos resulta bastante fácil mergulhar na reflexão da importância da memória em nossa comunidade de fé e nos questionar o desafio de estar a serviço desta memória.

Em que consiste a memória da fé? No caminhar cristão a memória tem duas vertentes: a primeira é a memória da Obra de Deus na vida de seu Povo, o Povo da Aliança, memória que na antiguidade conduzia à promessa da terra, o Povo da Nova Aliança, cuja memória conduz à promessa da eternidade. Basta pensar na celebração da Páscoa Judaica, onde a Palavra e os gestos que compõem o rito pretendem evocar a memória desta obra. Mas também resulta igualmente importante a memória da história pessoal

e coletiva dos povos, porque a fé cristã é um acontecimento encarnado, que assume as vivências, as identidades culturais e ressignifica os acontecimentos concretos projetando-os para o nível transcendente.

Neste momento queremos propor-lhes um primeiro exercício que é “construir um quadro da memória de seu povo”, pode ser a nível local, regional, nacional, perguntando-se: quais são os acontecimentos, os dolorosos e os alegres que constituem a própria identidade? Uma vez que possam ser identificados, anote-os em papel e os coloquem aos pés do altar da memória.

Em segundo lugar, vamos prestar atenção à nossa identidade como pessoas de fé e vamos refletir sobre nosso serviço à memória coletiva – comunitária da promessa de Deus. A promessa de salvação e vida eterna são o sentido real de nosso seguimento de Jesus e nosso serviço missionário.

Para refletir:

O Ministério – Serviço Diaconal se concretiza em três dimensões: Liturgia – Palavra – Caridade, segundo nos ensina o Concílio Vaticano II na Constituição *Lumen Gentium*.

Nosso serviço litúrgico, é fonte de memória da Obra de Deus e da promessa de salvação? Se assim o experimentamos, vamos dialogar sobre esta experiência, como a percebemos? Ou, pelo contrário, que dificuldades temos ou que caminhos propomos para fortalecer ou curar esta experiência?

Nossa pregação, contribui para o sustento desta memória coletiva? De que maneira podemos incorporar ou fortalecer o uso de ferramentas e instrumentos em favor de uma pregação que conduza à atualização desta memória?

O serviço da Caridade é o estandarte mais importante da vida de todo cristão, especialmente daqueles que foram chamados ao ministério diaconal, São Luís Orione sustenta com sua palavra e sua forma de vida que “somente a Caridade salvará o mundo”. É nosso ministério uma expressão privilegiada da Caridade? Quais são nossas experiências neste campo? Em que medida entendemos que o exercício da Caridade alimenta a memória da promessa de Deus?

Finalmente, as três dimensões, certamente as pensamos com direção de nós para os outros, por isso, perguntemo-nos: como tudo isso acontece em nossas próprias vidas?

Ao terminar este primeiro exercício, poderá ser finalizado com um cântico ou dinâmica que ajude a relaxar. Será oportuno realizar um tempo de descanso, que facilite a mobilidade etc. e permita assegurar a preparação do segundo momento em torno do seguinte altar. Terminada a pausa, quem coordena convoca no segundo altar, neste caso o altar da Comunhão, podendo iniciar este momento com um cântico apropriado. Junto ao altar deve-se ter preparado o necessário para o gesto que se explica abaixo.

Altar da comunhão

O Concílio Vaticano II, na Constituição *Lumen Gentium*, enfatiza que os dons espirituais, tanto hierárquicos quanto carismáticos, são o resultado da ação do Espírito Santo na Igreja. Estes são essenciais para a edificação do Corpo de Cristo e a realização de sua missão no mundo, e nos insta a descobrir, reconhecer e aceitar os dons, mas sem presunção, enfatizando a necessidade de um discernimento responsável e a importância da unidade na diversidade. A espiritualidade da comunhão implica considerar os outros como parte de si mesmo, e a realização da própria vocação depende da comunhão com os outros.

A partir dos ensinamentos do Concílio, tentamos aprofundar um aspecto essencial no Mistério de vida da Igreja, fazê-lo nos permite iluminar os desgastes e as fadigas que o entrelaçado institucional e organizacional pode provocar no exercício do ministério.

Para refletir:

É consciente e visível a diversidade de dons como manifestação do Espírito nas comunidades onde estamos e servimos?

Descobrimos nosso ministério como um dom do Espírito que se articula com a riqueza e diversidade do Povo de Deus?

Visualizamos a vida de nossas comunidades em um movimento integrado em rede com outras instâncias da sociedade como movimentos sociais, iniciativas populares? Que oportunidades e que obstáculos identificamos?

Os ministérios na Igreja não deveriam ser uma expressão de poder e controle, mas um exercício de serviço e animação, uma liderança humanizadora. Neste sentido, como a partir da natureza e identidade do diaconato podemos ser promotores e animadores de comunhão de dons e carismas? Que aspectos buscar converter e quais potencializar em nós para oferecer este serviço?

Gesto comum:

Depois do diálogo e do intercâmbio, realizaremos um gesto. Junto ao altar temos um tecido em branco, pincéis e tintas coloridas. Cada um é convidado a ir e espontaneamente desenhar no tecido o que desejar, da cor que quiser, e assim todos, enquanto isso acontece, coloca-se uma música adequada de fundo... Ao finalizar, o animador convida a contemplar uma obra comum que brota do que espontaneamente os artistas conseguiram, e esta contemplação pode ajudar a reconhecer que a arte da comunhão se expressa quando se envolve e se relaciona a parte com o todo, transformando-se dialeticamente. Termina-se com um aplauso mútuo.

Propõe-se um novo tempo de descanso para retomar com o terceiro e último altar. Terminado este tempo, o animador os convida a escutar o Hino do Ano Jubilar da Esperança, enquanto se aproximam em torno do Altar da Esperança.

Altar da esperança

O Concílio Vaticano II, na Constituição Apostólica *Gaudium et Spes*, assinala a importância central da esperança na vida cristã e na relação com toda a humanidade. A esperança é reconhecida como uma virtude fundamental e todo o Povo de Deus é chamado a ser sinal e instrumento dela, anuncian-do sem cessar a salvação e a Vida Eterna. Isso se concretiza com o convite a nos comprometermos sempre e de forma renovada na construção da justiça e da verdade. O fundamento da esperança não é uma ideologia ou

filosofia, mas o próprio Deus. O núcleo da esperança cristã está na ressurreição de Jesus que abre o horizonte para a Vida Eterna.

Para refletir:

Como ressoa em nós, como crentes, este chamado à esperança?

Quais são as dificuldades ou obstáculos visíveis para viver com esperança?

Quais as ansiedades e medos que nos surgem a respeito?

Que vínculo podemos traçar entre “memória” – “comunhão” – “esperança”?

Que necessidades nos surgem para poder potencializar nosso ministério como serviço de esperança às pessoas?

Gesto missionário:

Convida-se os presentes a discernir um possível gesto comum que seja “sinal de esperança”. Poder traçar um breve itinerário para concretizá-lo, delegar ou atribuir certas responsabilidades para coordená-lo e poder concretizá-lo. Este gesto será o movimento celebrativo missionário fruto desta reflexão.

III. ENCERRAMENTO

Convida-se cada um a expressar como se sentiu nesta experiência, e depois rezar invocando o Pai com a oração que Jesus nos ensinou.